

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 3 • N.º 6 • OUTUBRO 94

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Hermenêutica e Desconstrução*

AMÂNDIO AUGUSTO COXITO - *Luís A. Vernei e a Filosofia Europeia do seu tempo:
o Problema dos Universais*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Liberalismo Político e Consenso Constitucional*

EUNICE E. PINHO - *A Estética de Dufrenne ou a Procura da Origem*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica da Filosofia. A propósito
de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma Didáctica
específica da Filosofia*

RECENSÕES

G. W. LEIBNIZ — *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*. Trad. e introdução por Adelino Cardoso. Lisboa, Edições Colibri, 1993, 385 pp.

Surge finalmente, no último trimestre de 1993, uma tradução integral para português dos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* de Leibniz. Trata-se de uma obra em que, como se refere no início da tradução, se cruzam muitas das linhas de força do pensamento do Séc. XVII. Com efeito, é um texto redigido a partir das anotações críticas feitas à obra de Locke, *Essay Concerning Human Understanding*, publicada em tradução francesa (P. Coste) em 1700. A morte de Locke em 1704 fez com que o Filósofo alemão pusesse de parte a publicação de tais notas que apenas serão editadas em 1765.

O texto de Leibniz surge sob a forma de diálogo, em quatro livros, que correspondem exactamente aos quatro livros do texto de Locke, e a presença do ensaio lockiano será tão permanente que os capítulos ostentam praticamente o mesmo título e as falas de um dos personagens, Filaleto, pouco mais são do que a reprodução, devidamente numerada e assinalada, dos parágrafos dessa obra. Sendo, assim, um texto de ocasião, como grande parte dos textos de Leibniz, isso não lhe retira a importância que ocupa na produção filosófica dos Séculos XVII e XVIII e no debate conceptual que os caracteriza.

Sublinhe-se, em primeiro lugar, a importância de esta tradução ser assinada não por um qualquer leigo no pensamento de Leibniz, mas por alguém que já há alguns anos se vem dedicando ao estudo deste filósofo, sendo de destacar, de entre outros trabalhos, o livro *Leibniz segundo a expressão* e a tradução do *Discurso sobre a Teologia Natural dos Chineses*, também publicados pelas Edições Colibri. Tal facto permite, no exercício do trabalho do tradutor, uma atenção maior aos conceitos e ao vocabulário filosófico do autor traduzido, o que só vem beneficiar o resultado final.

Além disso, o próprio tradutor encarregou-se de elaborar a respectiva tradução, em que se propõe “situar a obra na dinâmica do sistema leibniziano, cuja vida interna é estimulada pelos debates acalorados e frequentemente apaixonados que animaram a época” (p. 9). Pode considerar-se que há um esforço por realizar tal objectivo e um vasto conjunto de conhecimentos utilizados na sua prossecução, merecendo-nos essas primeiras páginas apenas duas observações. A primeira diz respeito à tese da “incomensurabilidade” (p. 9) entre os *Ensaio*s de Locke e estes *Novos Ensaios*. Tal proposta talvez merecesse uma maior fundamentação, na medida em que, significando a transposição de um conceito da metodologia kuhniana da História das Ciências para a História do Pensamento Filosófico, assenta numa categoria tão polémica como é a categoria de “incomensurabilidade” no seu terreno original, e talvez de entre as obras de Leibniz, no confronto com Locke, seja esta aquela que menos justifique uma designação tão radical: com efeito, verifica-se neste texto

um esforço, característico do espírito dialogante do autor, por estabelecer alguma ponte entre dois sistemas que, esses sim, talvez sejam na respectiva arquitectónica filosófica, relativamente incomensuráveis. A segunda observação diz respeito a uma atenção mais ligeira, nesta introdução, à estrutura e conteúdo da obra, em função do primado dado à sua articulação com o sistema filosófico de Leibniz e com a génese de algumas das suas ideias-chave. É uma opção legítima, mas também não deixaria de facilitar a interpretação da obra a apresentação da sua estrutura, organização interna e conteúdos fundamentais.

Quanto à tradução, pode considerar-se escorreita, de leitura relativamente agradável, respeitando bastante a letra do texto original (por vezes em demasia, o que leva à introdução de alguns francesismos na versão portuguesa), e sem grandes deslizes (corrija-se uma truncagem do texto na p. 247, que o torna ilegível nesse passo). Seja-nos, no entanto, permitido referir que, numa futura revisão, é de colocar um maior cuidado no 3º Livro, em que, por vezes, se ultrapassa o original, traindo o seu sentido e sem usar um critério uniforme na manutenção das palavras em francês. Assim *mais* aparece ora em francês, ora traduzido para português (pp. 230 e 231), e é no mínimo discutível que a frase "rauschen (mot difficile à traduire en français)" seja vertida por "rauschen (palavra difícil de traduzir em português)" (p. 193), ou que "Ojo" se verta para português, quando o autor diz "chez les Espagnols Ojo est un trou" (p. 194). São apenas pequenos exemplos, mas que demonstram que, por vezes o tradutor, mais do que traduzir, adaptou o texto original, gerando algumas confusões sobre a terminologia utilizada por Leibniz. Esta falta de uniformidade de critérios é também notória na versão dos nomes próprios, em que ora se mantém (quase sempre) a grafia original romana (com terminação em *us*) ora se utiliza o nome na sua adaptação ao português.

Quanto às notas de pé de página, elas são elaboradas, segundo indicação do tradutor (p. 20) a partir da edição da Academia ("Sämtliche Schriften und Briefe"), limitando-se, na maior parte dos casos, a indicações sobre autores referidos no texto ou a traduzir expressões latinas por vezes intercaladas no francês. Também aqui se nota uma falta de uniformidade de critérios, na medida em que enquanto algumas expressões de significado evidente são traduzidas em nota, de outras, mais difíceis, não se apresenta qualquer tradução, para já não falar de algumas expressões gregas. (Ainda no que se refere às notas, seja-nos também permitido corrigir, em pequeno reparo, a nota 23 da p. 104: se na edição da *vulgata* eram considerados quatro livros dos *Reis*, actualmente só os dois últimos merecem essa designação, pelo que o versículo referido pertence a *Reis* I, 8, 27 e não a *Reis*, III, 8, 27).

Uma maior atenção a estes pequenos pormenores beneficiará, concerteza, uma futura edição desta tradução, que, no entanto, não deixamos de recomendar por ser bastante positiva, constituindo um excelente instrumento de trabalho para os estudiosos de Filosofia Moderna e do pensamento do autor da *Monadologia*. As edições Colibri e o tradutor estão, pois, de parabéns por tal contributo para a divulgação deste filósofo no nosso país e entre aqueles que têm menos possibilidades de acesso ao texto original.

J. M. A.

A. N. BALSLEV e J.N. MOHANTY (edits.), *Religion and Time*, E. J. Brill, Leiden/New York/Köln, 1993; 215 pp.

Editado por A. N. Balslev, enquanto professora visitante na Univ. de Kentucky, e J. N. Mohanty, professor da Univ. do Templo (U.S.A.), o volume em apreço é um